
JOGO E DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA EM UMA PERSPECTIVA PIAGETIANA – LINO DE MACEDO

GAME AND CULTURAL DIVERSITY IN SCHOOL IN A PIAGETIAN PERSPECTIVE – LINO DE MACEDO

*Geiva Carolina Calsa**
*Ricardo Fernandes Pátaro***
*Fabiane Freire França****

Lino de Macedo é pedagogo graduado pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto (1966). Desenvolveu seu mestrado (1970), doutorado (1973) e livre docência (1983) na área de Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). É membro da Academia Paulista de Psicologia e docente aposentado (2011) do Instituto de Psicologia da USP, onde exercia o cargo de professor titular. Orientou mais de 70 dissertações de mestrado e teses de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da USP. Atualmente, conta com cinco orientações em andamento (mestrado e doutorado) e integra o Instituto de Pesquisa do Hospital Infantil Sabará – Pensi.

Como estudioso da teoria de Jean Piaget no Brasil, Lino de Macedo já publicou quase 70 livros e capítulos, além de mais de 150 artigos em periódicos científicos, jornais e revistas, entre inúmeros outros trabalhos.

Na entrevista, concedida em fevereiro de 2013 durante as atividades do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura – GEPAC/CNPq-UEM¹, Lino de Macedo comenta sobre diversidade cultural na escola, o jogo na educação e apresenta reflexões sobre a importância do desenvolvimento como fator de transformação e promoção dos processos de aprendizagem e desenvolvimento, sob uma perspectiva piagetiana, como veremos a seguir.

REVISTA NUPEM: Como você vê hoje a questão da diversidade cultural na escola?

Lino de Macedo: O problema da cultura hoje se tornou muito importante na escola – e quando falo em escola estou me referindo primordialmente à Educação Básica. A escola do século passado, anterior à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96), sempre foi lugar do culto, e não da cultura. A questão é que “nem todos somos cultos”, mas “todos temos cultura”. E agora, com essa ideia de uma escola para todos, de não deixar ninguém fora da escola, da educação como um direito de todos e uma necessidade social, a problemática da cultura tornou-se muito

importante. A escola sempre foi muito homogeneizadora, selecionando pela homogeneização dos comportamentos, pela quantificação da capacidade de aprender, dentre outros. Mas nessa escola de hoje, a escola para todos, a lógica é de que todos foram chamados, todos foram escolhidos, não há seleção. Essa realidade trouxe problemas novos, que a escola da não-diversidade não tinha. Ela tinha outros problemas, mas hoje está enfrentando questões complexas como a das crianças com problemas de comportamento ou neurológicos na sala de aula. Esses problemas novos desafiam a escola, o professor, o gestor. Acredito que a educação sempre tenha sido pensada pela perspectiva do educador, ou seja, privilegiando aquilo que o educador deveria fazer em favor do educando, da criança, da educação. No entanto, hoje, na escola para todos, temos que pensar a educação também na perspectiva do educando, porque quando a escola podia selecionar, aqueles que não se enquadravam em termos de comportamento ou de capacidade de aprendizagem acabavam ficando de fora. Agora, como a escola não pode mais mandar embora, ela tem que se fazer as perguntas: Quem é essa criança? Quais são suas condições de aprendizagem? Por que ela age dessa forma? Com isso, ao ser evidenciada também a perspectiva do educando na educação, e não só a do educador, emerge toda uma problemática nova, que é sociocultural. O ensino sempre esteve associado com a aprendizagem, e a aprendizagem sempre foi tematizada a partir da perspectiva de quem ensina, de quem transmite. E agora, como a escola precisa olhar também para o educando, passa a ser necessário pensar a aprendizagem na perspectiva dos processos de desenvolvimento. Para mim, é aí que entram os estudos de Jean Piaget e sua contribuição para a educação. Piaget tinha uma parte educacional muito forte, política, era um grande filósofo da educação, mas nunca foi efetivamente um estudioso de didática, nunca teve preocupação com o aluno, o professor. Essas questões não são propriamente da literatura de Piaget. No entanto, ele traz uma grande contribuição para as problemáticas da atualidade, por ter pensado justamente na perspectiva de quem aprende, de quem se desenvolve.

REVISTA NUPEM: Como você entende que o jogo pode auxiliar no trabalho com a diversidade cultural na escola? O jogo pode ser uma estratégia para facilitar essa discussão?

Lino de Macedo: A cultura da escola é muito sofisticada, e a cultura das classes que não tinham acesso à escola também é muito sofisticada. É evidente que crianças que, por muitos séculos, foram excluídas da escola, demoram a assimilar a cultura da escola. Ainda não sabemos ao certo o que é diversidade cultural. Sabemos teoricamente, mas não na prática. O discurso das diferenças ainda é um discurso muito teórico, na prática a gente não dá conta, não aguenta ver a diversidade, porque o nosso olho é muito trabalhado com o

igual, e não com a diferença. É comum que se tenha medo do contágio, medo do diferente! E a escola da atualidade passa agora a abrigar coisas que são novidade, e que são próprias do século atual: os novos arranjos familiares, a diversidade sexual, a convivência entre classes sociais distintas, a problemática da tecnologia. Na minha perspectiva, é aí que entra o jogo: o jogo pode ser um recurso para discussão, para compreensão de regras, de formas de pensar, de aprender a ganhar e perder. O jogo é um espaço de cultura, onde as diferenças estão presentes, mas não têm função de exclusão. É uma relação de intimidade, permite que você conviva junto com alguém que é diferente. No entanto, essa tarefa é longa, não é tão simples assim. Quando falamos em cultura e diversidade, estamos nos referindo a *personas*, a corporificações socioculturais. Qual a diferença entre um personagem e um ator? Qual o limite entre o personagem e a pessoa? No jogo, o jogador é ao mesmo tempo ator e personagem. Como você diferencia e integra sem se confundir? O mais comum, como diria Piaget, seria a indiferenciação. Porque ser capaz de, ao mesmo tempo, diferenciar e integrar compreende um longo trabalho, muito sofisticado, entre a pessoa, o corpo, o ator.

REVISTA NUPEM: Quando mencionamos os novos desafios enfrentados pela escola na atualidade, uma questão que emerge diz respeito aos alunos com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Qual sua opinião sobre esses casos? O jogo pode ser também uma possibilidade de intervenção?

Lino de Macedo: Um fator interessante para refletirmos nesse caso seria pensar que não são necessariamente as crianças que têm TDAH, mas que é a própria sociedade. É nossa cultura que é hiperativa, dispersiva e ao mesmo tempo depressiva. A sociedade atual é muito dispersiva! Há uma hiperestimulação, que tem suas vantagens, obviamente, mas é uma sociedade que comprimiu o tempo, alargou o espaço, e tem muitas possibilidades. As crianças ricas hoje têm muitas escolhas, e acabam sem ninguém, ficam sozinhas! É como um restaurante *self-service*, em que você se perde, acaba ficando com aquele prato enorme, quer experimentar de tudo! Assim, em minha opinião, o TDAH é o espelho de uma sociedade que ainda não aprendeu a gerir as coisas que ela mesma criou. No caso da utilização do jogo como forma de intervenção, podemos dizer que, no jogo, não dá para ser multitarefa, ele pede concentração e atenção. Atenção é olhar muitos elementos ao mesmo tempo, que tenham características ou finalidades em comum. Concentração tem a ver com foco. No jogo, é necessário ter foco (concentração) e, ao mesmo tempo, prestar atenção a muitas outras coisas que acontecem simultaneamente. Assim, concentração e atenção precisam ocorrer de forma articulada, o que se coloca como um desafio para as crianças com TDAH, que têm dificuldade para se concentrar.

REVISTA NUPEM: Poderia comentar de modo mais aprofundado acerca das funções do jogo na escola?

Lino de Macedo: Eu vejo que o jogo na escola pode desempenhar uma série de funções. Uma primeira função é recreativa, tem a ver com artes, com educação física. A própria origem da escola era lúdica, muito relacionada ao jogo. A escola da Grécia Antiga era lugar da brincadeira, do ócio, do tempo livre, das pessoas livres, relacionada ao prazer da discussão e da reflexão. A academia de Platão, por exemplo, era a academia da liberdade, das discussões entre iguais, com as características obviamente daquela época. Assim, entendo que uma primeira função do jogo é recreativa. Ao menos nas grandes cidades, podemos dizer que hoje, cada vez mais, a escola é um grande espaço de cultura das crianças. Em alguns lugares, a escola virou um grande *Shopping Center*, um grande parque, um grande restaurante, um grande hospital, muitas vezes é um lugar seguro, e as crianças gostam da escola, até por esse lado recreativo dela. Podem não aprender, mas as crianças gostam da escola. Uma segunda função do jogo na escola é didática, podendo ser utilizado como um recurso de ensino dos conteúdos curriculares. Em muitas disciplinas, é possível usar jogos para ensinar. Mas há também a função didática relacionada à formação de professores, permitindo que aqueles que ensinam possam saber como é que aprendem. O jogo pode ser um recurso para que os próprios professores experimentem processos de aprendizagem em si mesmos, de modo que se torna uma ferramenta de formação docente, não no sentido de o professor repetir o jogo em sua sala de aula, mas para que ele possa ter uma prática reflexiva, sobre si mesmo, enquanto pessoa que aprende e observa. Uma terceira função do jogo na escola é psicopedagógica, ou psicológica. Na escola, a relação que prevalece hoje é, como diria Piaget, multívoca – ou seja, uma relação de um para muitos. Cada aluno só tem um professor, mas cada professor tem muitos alunos. Do ponto de vista do aluno, a relação é biunívoca – um para um. Do ponto de vista do professor, é multívoca – de um para muitos. Isso traz algumas implicações pedagógicas. Quando a escola era seletiva, para uma elite, se o aluno não conseguia se encaixar nesse sistema – ou por comportamento ou por dificuldade de compreensão, aprendizagem – ele era reprovado e mandado embora, era excluído. Hoje, como a escola não pode mais excluir, são necessárias estratégias para possibilitar uma atenção mais especial para cada aluno. Esse olhar clínico, aluno por aluno, tornou-se importante, pois os alunos têm direito e obrigação de ir à escola e, portanto, de aprender. E, nesse caso, o jogo pode ser um recurso importante para atender a essa função psicopedagógica, ou psicológica. Uma outra função do jogo na escola é a possibilidade de trabalho com a dimensão sociocultural, uma vez que o jogo é, em si, uma relação sociocultural entre pares. É muito interessante, porque o professor não é bem visto no jogo. A relação com o professor é assimétrica, e a relação no jogo é simétrica, entre pares. O professor precisa ter cuidado

para não se transformar no estraga-prazer do jogo, precisa ser sempre muito delicado para não atrapalhar. O jogo é uma situação entre pares, entre pessoas que – mesmo tendo idades diferentes – sejam vistas como iguais. E aprender a trabalhar em uma relação entre iguais é muito importante! Em nossa sociedade, por exemplo, as mulheres, até pouco tempo atrás, eram vistas como dependentes dos homens. A relação horizontal entre homens e mulheres, que hoje vem sendo reivindicada, é uma coisa recente. Outro exemplo é analisarmos o contexto de uma discussão: o que a gente vê é que cada um defende seu ponto de vista e nem escuta o que o outro está falando. Por isso, nós não sabemos ainda nos relacionar entre pares, e isso vale para muitas coisas. Não sabemos o que é liberdade e responsabilidade em uma relação entre iguais, isso é muito sofisticado. A vida da cidade pede uma relação entre iguais, a ideia de cidadania pressupõe que, independente das diferenças, minhas responsabilidades sejam iguais às de qualquer outra pessoa. E a escola, nesse sentido, é um lugar de cidadania, de modo que o jogo pode ser um instrumento para esse trabalho. Uma penúltima função do jogo na escola está relacionada à problemática política. Podemos dizer que a escola é um grande tabuleiro de jogo de poder. A educação é um grande espaço de manobra política, é a Secretaria que mais recebe recursos, seguida da Secretaria da Saúde. E o jogo pode ser uma grande metáfora para essa teia de interesses que se digladiam. O jogo é muito utilizado nas ciências sociais como um tabuleiro que te permite compreender essas relações humanas, na complexidade que elas representam. Por último, o jogo tem uma função epistemológica, teórica. Quando pensamos no jogo, podemos perceber que ele se caracteriza por permitir que você vivencie muitas e muitas vezes a mesma coisa. Graças a isso, é possível abstrair, nesse trabalho, formas significativas, do ponto de vista cognitivo, social, afetivo. A mesma estrutura, a mesma forma. Graças a isso, é possível entrar em contato com as mesmas coisas, que se repetem. A função teórica do jogo é pensar o processo de conhecimento científico. Assim, não se trata de transformar a escola em um clube de jogo, mas de possibilitar momentos que te permitem ver coisas que o cotidiano, o dia-a-dia, não te permite ver. O jogo acaba sendo um momento de pausa, de reflexão, de tomada de consciência de certas coisas.

REVISTA NUPEM: Já que tocamos anteriormente no assunto da inclusão, e partindo do que sugere seu livro “Ensaios pedagógicos: como construir uma escola para todos”², gostaríamos que comentasse um pouco sobre: afinal, como construir uma escola para todos?

Lino de Macedo: O livro “Ensaios pedagógicos” me dá muita alegria, pois ele foi publicado em 2005 e ainda hoje é um dos mais vendidos pela editora. Nesse livro, eu trato do tema da inclusão em uma perspectiva geral, e não especializada, uma vez que não me considero um especialista em educação

especial. Para mim, educação inclusiva é pleonasma, pois se a educação não for inclusiva, ela é o quê? No entanto, entendo que é um pleonasma que não por acaso se tornou necessário, importante de ser demarcado. Isso porque a gente gosta da ideia de incluir todos dentro da escola, mas não gosta das implicações disso! E as implicações vêm no pacote! Quais são, por exemplo, as implicações de as crianças de classes populares agora terem um lugar na escola e terem direito de aprender de verdade? Isso é complicado na prática! No livro, eu trabalho essas questões de ordem geral, filosóficas, e é muito complicado. Já pararam para pensar que, se as crianças de classe popular começam a ter a chance de aprender de verdade, elas passam a ter condições de competir com as classes privilegiadas, com a elite? Isso é muito importante, precisa acontecer e é a alma do problema! Vai haver uma competição entre iguais, e a elite está preparada para lidar com isso?

REVISTA NUPEM: Poderíamos dizer que existem, entre outras questões, mecanismos internos e inconscientes do professor, da escola, que de alguma forma segura o sujeito e a instituição? E que, assim, mantém-se a ignorância, o não aprender? Existe um movimento que é em favor da aprendizagem e outro que seria para a não aprendizagem!

Lino de Macedo: Isso, em minha opinião, diz respeito à diferença entre aprendizagem e desenvolvimento. Aprendizagem tem a ver com aquisição, sobretudo de fora para dentro, enquanto o desenvolvimento tem a ver com transformação, com mudança de estrutura. Eu posso fazer uma série de aprendizagens e continuar no mesmo nível, aprendendo conteúdos sem que isso ocasione desenvolvimento. Nós temos medo da transformação, pois transformar é perigoso, é ameaçador! E as transformações são inevitáveis! É muito interessante esse paradoxo, porque a gente luta pela transformação, mas tem medo delas.

REVISTA NUPEM: Você acredita que a teoria de Piaget teria condições de nos ajudar a entender melhor esse paradoxo e, talvez, ver possibilidades e alternativas?

Lino de Macedo: Acredito que sim. A teoria de Piaget é uma teoria de desenvolvimento, e, portanto, de transformação. Há transformações de várias ordens, mas Piaget trabalha com a perspectiva psicogenética. Há quem encontre essas possibilidades e alternativas em outros autores, mas eu acredito que Piaget pode sim auxiliar, pois ele trabalha com o problema da transformação, do ponto de vista também epistemológico. Sou grato a ele, pois muitas das coisas que eu penso hoje vieram da leitura e dos estudos que tenho de suas obras. Piaget é ainda um dos maiores teóricos da teoria do desenvolvimento. Qual foi sua grande contribuição ao pensamento do século XX? Podemos dizer que, até então, o conhecimento científico era tido

como privilégio dos adultos mais sofisticados da sociedade, os matemáticos, biólogos, químicos. Piaget demonstrou que os problemas científicos não são apenas dos adultos e dos mais privilegiados, mas são de qualquer ser humano! A partir dos estudos de Piaget, aquilo que era privilégio dos doutores – e sobretudo dos homens, até o século XIX – é na verdade uma necessidade da criança desde a mais nova. Piaget estudou o problema do conhecimento científico na perspectiva das crianças, e crianças inclusive que não iam à escola. São problemas que a vida impõe, que o real impõe. E isso faz com que a teoria de Piaget seja hoje, na escola para todos, muito importante.

REVISTA NUPEM: Nessa linha de raciocínio, entendemos que Piaget traz uma possibilidade de compreender os paradoxos da escola atual pela via da transformação e da criação da novidade. Sua teoria mostra como o ser humano é capaz de criar a novidade, de construir algo novo, mesmo em situações em que aparentemente está reproduzindo. Ainda assim, o que vemos é que sua teoria nem sempre tem recebido a devida atenção.

Lino de Macedo: Acredito que hoje nós estamos dominados pelo didatismo. Hoje, a ideia de um livro bom, comunicativo, é de um livro que o aluno saiba todo o vocabulário, que possa ler e entender tudo. Há uma crença de que, se a gente não entender, é porque é chato, e a gente não gosta, não quer ler. Nesse sentido, o Piaget tem um problema, é um autor muito antipático, porque, com uma leitura, você não entende nada do que ele fala! Piaget pensava por escrito, pensava escrevendo – o que é próprio do século XIX – e tinha o hábito de escrever três horas por dia. Ele era um gênio, com nove anos escreveu seu primeiro artigo científico. Por conta disso, para o não iniciado, seus escritos acabam sendo muito inacessíveis, muito abstratos, de difícil compreensão. E hoje há uma exigência de que o leitor entenda tudo, mas isso nem sempre é possível! As pessoas hoje leem o texto uma vez só e acham que já sabem! Uma vez só não basta! A gente pode saber sobre as coisas, mas acaba sendo um saber superficial. Tem que fazer uma vez, duas vezes, mil vezes, senão fica superficial. Fazendo uma analogia com o jogo, por exemplo: a gente vai aprendendo aos poucos, não dá para ser campeão na primeira jogada! É necessária uma disciplina, um estudo. Infelizmente, isso não vale só para Piaget, mas para outros autores também. Às vezes o autor tem uma grande contribuição, mas é substituído por outro que tem uma comunicabilidade maior, mas não necessariamente a mesma consistência e profundidade.

REVISTA NUPEM: Podemos dizer que se tornou lugar comum generalizar a afirmação de que a educação brasileira é de má qualidade, que falta atenção dos governantes, que as famílias não acompanham seus filhos, que a escola não provê o mínimo, que se ocupa de aspectos secundários

e deixa de lado o principal... O que você pensa a respeito de tais generalizações?

Lino de Macedo: Isso é interessante! Veja, a gente explica muito e quer encontrar muito as causas para as coisas, quer encontrar muitas desculpas para o nosso fracasso. Isso tem seu valor, mas pode ocupar o lugar da coisa em si. Essa é a diferença entre jogar e refletir sobre o jogo. Eu penso que ambas são necessárias. Uma coisa é jogar, outra coisa é recortar um aspecto, uma experiência sobre um jogo, e refletir sobre ele. Gostamos muito de refletir sobre a escola, seus sucessos ou fracassos. Mas uma coisa é “falar sobre”, outra é “fazer”. É por isso que eu gosto do jogo, pois ele é a realização. A vida não é uma tentativa, é uma realização. Caso contrário, a gente fica psicologizando, sociologizando, filosofando. É claro que isso é necessário, mas não é suficiente! Não adianta só explicar, tem que enfrentar o problema! A gente fala muito sobre e acaba não vivendo, não fazendo!

Notas

* Geiva Carolina Calsa é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Atualmente é professora adjunta do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá e uma das líderes do GEPAC/CNPq-UEM. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de Conceitos, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, educação, representações sociais, ensino-aprendizagem, construtivismo e intervenção pedagógica. E-mail: gccalsa@hotmail.com

** Ricardo Fernandes Pátaro é pedagogo, mestre em Educação (Unicamp) e doutorando em Educação (UEM), professor assistente do curso de Pedagogia da Unespar – Câmpus de Campo Mourão. E-mail: ricardopataro@yahoo.com.br

*** Fabiane Freire França é pedagoga, mestre em Educação (UEM) e doutoranda em Educação (UEM), professora assistente do curso de Pedagogia da Unespar – Câmpus de Campo Mourão. E-mail: prof.fabianefreire@gmail.com

¹ O Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura – GEPAC/CNPq-UEM é coordenado pelas professoras Geiva Carolina Calsa e Teresa Kazuko Teruya. A entrevista contou com a participação dos seguintes integrantes do grupo, estudantes de graduação e pós-graduação: Carla Juliana Galvão Alves, Delton Aparecido Felipe, Fabiane Freire França, Fernanda Amorin Accorsi, Lara de Oliveira Gomes, Geiva Carolina Calsa, Karina de Toledo Araújo, Luciana Grandini, Maria Tereza Fávero, Mariana Costa do Nascimento, Pâmela Vicentini Faeti, Ricardo Fernandes Pátaro, Samilo Takara, Taciana Marques Castelar, Teresa Kazuko Teruya e Zélia Lino de Moraes.

² MACEDO, Lino de. **Ensaios pedagógicos:** como construir uma escola para todos? Porto Alegre: ArtMed, 2005.

Recebido em: maio de 2013.

Aprovado em: junho de 2013.